

Cadernos Jurídicos

Ano 21 - Número 56 - Outubro-Dezembro/2020

Winnicott: aportes da Psicanálise para apoio das decisões do Judiciário



Escola Paulista da Magistratura
São Paulo, 2020

Ambientalismo psicanalítico, ética do cuidado e o princípio da hospitalidade¹

Daniel Kupermann

Resumo: Nesse ensaio nos dedicamos a apresentar, inspirados no pensamento de Sándor Ferenczi, um dos princípios norteadores da ética do cuidado em psicanálise: a *hospitalidade* com a criança que habita cada analisando. Indicamos que a teoria ferencziana da constituição subjetiva, ao privilegiar a “ilusão de onipotência” no processo de desenvolvimento do sentido de realidade, influenciou fortemente o pensamento de Donald Woods Winnicott. Para ambos os autores, mais do que qualquer atividade interpretativa, caberia ao psicanalista, principalmente frente aos sujeitos comprometidos narcisicamente, estabelecer contato com a criança que habita cada analisando (mesmo no caso das análises de adolescentes e adultos). Nesse sentido, aquele que não conta com a disponibilidade para reverberar o gesto expresso pelo analisando ao brincar não está apto a exercer o ofício de psicanalista.

Introdução

A ampliação do campo de atuação da psicanálise para outros setores da sociedade – como escolas, hospitais, varas de justiça, bem como a presença de psicanalistas nas comunidades vulneráveis, nas praças e nas ruas das grandes cidades ou nos locais nos quais ocorreram tragédias socioambientais – contribuiu para o reforço da concepção de que a escuta psicanalítica é, efetivamente, um exercício de cuidado com outro. Se alguns autores insistem em questionar a ética psicanalítica do cuidado alertando para o risco de a psicanálise ser incorporada pelo ideal assistencialista, acreditamos que, na contemporaneidade, o risco maior seria o de assistir aos psicanalistas resistirem à expansão da psicanálise para fora do conforto dos seus consultórios aderindo ainda mais às ortodoxias esterilizantes.

Na última década, no Brasil, alguns autores inspirados pelo ambientalismo salientado por Ferenczi têm se dedicado à reflexão acerca dos princípios que norteiam a ética do cuidado na psicanálise (FIGUEIREDO, 2009, 2014; MAIA, 2009; ROCHA, 2011, 2013). Nosso objetivo é o de, acompanhando esses e outros esforços, contribuir para uma metapsicologia do cuidado a partir da teoria da constituição subjetiva elaborada pelo psicanalista húngaro Sándor Ferenczi e desenvolvida pelo psicanalista britânico Donald W. Winnicott.

O princípio ético da hospitalidade

O argumento central desenvolvido por Ferenczi em “A adaptação da família à criança” (1992a) se debruça sobre a dependência biopsicofisiológica do recém-nascido – nomeada por Freud de “estado de desamparo” (*Hilflosigkeit*) – que tem como decorrência que

¹ Versão reduzida e ligeiramente modificada do capítulo 4 de meu livro *Por que Ferenczi?* (KUPERMANN, 2019).

sua relação com os adultos pode ser efetivamente traumática. O problema da adaptação ganha, assim, nova inflexão, sendo considerada uma operação de mão dupla na qual, se tivéssemos que indicar um sentido privilegiado, seríamos forçados a admitir que a adaptação primária – para que o evento do nascimento e a posterior inserção cultural do *infans* não represente um trauma – é a do ambiente que recebe a criança que chega, e não o inverso, fundamentando o que nomeamos de “ambientalismo psicanalítico”, que tanto influenciou a obra de Winnicott (FULGENCIO, 2017).

Com efeito, se não há “nenhuma mudança nem evolução na vida para as quais o indivíduo estivesse melhor preparado do que para o nascimento”, como escreve Ferenczi (1992a, p. 4), isso se deve ao fato de que “a previdência fisiológica e o instinto dos pais tornam essa transição tão suave quanto possível”. De um lado, os pulmões e o coração estão bem formados; de outro, os pais são impelidos a oferecer o máximo de conforto ao recém-nascido. Para Ferenczi, as dificuldades maiores para a existência não residiriam no estado de desamparo característico do humano, mas nos modos de socialização aos quais as crianças são submetidas em seu percurso de inserção em determinado contexto cultural, capazes de criar uma “*confusão*” mórbida na qual “o que escapa precisamente aos pais é o que para as crianças é óbvio; e o que as crianças não percebem é claro como o dia para os pais” (1992a, p. 8).

No ano seguinte à publicação de “A adaptação da família à criança”, Ferenczi se dedica à redação de “A criança mal acolhida e sua pulsão de morte” (1992b), que pode ser considerado o seu desdobramento clínico. Trata-se de um libelo amparado em casos de pacientes com sintomas psicossomáticos e tendências suicidas, que antecipa sua traumatogênese. Referindo-se a alguns desses casos, Ferenczi (1992b, p. 48-49) afirma: “Quando vieram ao mundo [...] foram *hóspedes não bem-vindos na família* [...] sua vontade de viver viu-se desde então quebrada”.

De fato, o título em alemão, “*Das unwillkommene kind und sein Todestrieb*”, seria melhor traduzido como “a criança *não bem-vinda* e sua pulsão de morte”, ou seja, a criança confrontada com um ambiente hostil, insensível às suas necessidades, para o qual ela é *persona non grata*. Mas o que significaria ser *hóspede não bem-vindo* no contexto da discussão empreendida por Ferenczi?

Em primeiro lugar, a suspensão da exigência do esforço associativo para os analisandos antes considerados inanalizáveis teria lhes permitido, segundo Ferenczi “desfrutar pela primeira vez a *irresponsabilidade da infância*”. Além disso, para os pacientes com prazer de viver diminuído, seria preciso, efetivamente, “introduzir impulsos positivos de vida e razões para se continuar existindo”, o que equivaleria a “demonstrações de *ternura* [itálico nosso]” também no contexto do encontro transferencial (1992b, p. 51). Haveria, assim, uma íntima relação entre a experiência da ternura e a possibilidade de desfrutar a irresponsabilidade da infância; esta última seria, na verdade, decorrente da primeira.

A ternura adquire um status conceitual no período final da obra de Ferenczi, referente ao seu entendimento do evento traumático. O subtítulo do célebre ensaio “Confusão de língua entre os adultos e a criança”, de 1933, é “A linguagem da ternura e da paixão”.² Para Ferenczi, trata-se de uma experiência erótica precoce, poderíamos mesmo dizer primária: aquela de ser amado no período do amor objetual passivo, ou seja, antes da possibilidade

² O termo alemão para ternura, encontrado na versão original, é *Zärtlichkeit*, que se refere tanto à demonstração de afeto quanto ao cuidado dirigido a alguém que se ama (FERENCZI, 1992d).

de qualquer diferenciação entre eu e outro integradora das instâncias egóicas. A experiência da ternura seria, assim, a condição de possibilidade para exercício expansivo da introjeção e, mesmo, para a constituição do narcisismo primário e do ego prazer freudiano.

O desfrute da “irresponsabilidade da infância”, por seu turno, significaria a possibilidade de experimentar a “ilusão de onipotência”, ou “sentimento de onipotência”, oriundos do “período animista”, na apreensão da realidade por parte das crianças. Porém, essas ideias só se farão inteligíveis em referência às concepções apresentadas anos antes, em “O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios”, de 1913, que expressa a tentativa de Ferenczi em compreender o interjogo entre princípio de prazer e princípio de realidade discriminados um pouco antes por Freud (1980c).

É conhecido o valor positivo da ilusão de onipotência atribuído por Winnicott (1951) para a constituição subjetiva do infans, bem como o papel da adaptação ativa da mãe às necessidades do bebê nesse processo. É o sucesso desse empreendimento que permitirá à criança e ao futuro adulto a experiência do viver criativo (WINNICOTT, 2005).

Sexualização do universo, simbolização e advento da linguagem

Ferenczi (1992e) estabelece a origem do princípio de prazer postulando um mítico “período de onipotência incondicional” vivido pelo feto no útero materno, o qual o sujeito buscaria regressivamente reeditar ao longo da sua existência. A onipotência, definida como “a impressão de ter tudo o que se quer e não ter mais nada a desejar” (1992e, p. 42) seria, a um só tempo, a gênese e o destino almejado do princípio de prazer.

Como demonstrara Freud (1980a, 1980b, 1995), após o nascimento a vivência de satisfação proporcionada pelo seio materno inauguraria o pensamento alucinatório que, relido por Ferenczi (1993, p. 43) seria o “*reinvestimento alucinatório*” do estado de satisfação intrauterino perdido. Com o sucesso da adaptação ambiental, a criança passaria ao primado do “período da onipotência alucinatória mágica”, uma vez que o objeto alucinado estaria efetivamente presente quando necessário, satisfazendo suas necessidades e realizando seus desejos. Mesmo após a superação desse período nós regrediríamos cotidianamente a ele por meio dos sonhos noturnos; já o seu equivalente patológico – índice de uma fixação nesse estágio – seria a alucinação psicótica.

Com o tempo, o “mundo externo” deixaria de atender prontamente aos movimentos alucinatórios do bebê que passaria, assim, a ter que efetuar “trabalho motor” no sentido de fornecer indícios de suas reivindicações aos cuidadores. É verdade que desde o início descargas motoras acompanhadas do choro eram significadas pela mãe como necessidades vitais e atendidas. De acordo com Ferenczi, o *infans* rapidamente aprende a simbolizar por meio de “sinais especializados correspondentes” seus anseios: imitação dos movimentos de sucção para ser alimentado, sons e contrações abdominais para ser trocado e, de maneira mais elaborada, apontar com a mão os objetos que cobiça constituindo uma “verdadeira linguagem gestual” capaz de expressar a complexidade cada vez maior dos seus desejos. Adviria, assim, o “período da onipotência com a ajuda de gestos mágicos”. Superada essa etapa, sobreviveria no nosso cotidiano a crença nos gestos supersticiosos, como a benção religiosa ou mesmo juntar as mãos para rezar; já no registro da vida social os rituais corporais – como a dança nas culturas tradicionais ou os trabalhos de feitiçaria –, bem como nosso prazer em exposições de magia, seriam também expressão desse estágio.

O equivalente patológico desse período, por sua vez, seria reconhecível na “conversão histórica”, entendida desde Freud como modalidade neurótica de realização de desejos.

No processo de amadurecimento psíquico, duas forças contribuirão para a superação desse segundo estágio do desenvolvimento do sentido da realidade. De um lado, o recrudescimento das necessidades e a complexidade dos desejos “cada vez mais ousados [itálico nosso]” obrigarão a criança a submeter-se a novas condições para vê-los satisfeitos (FERENCZI, 1993, p. 46). De outro, uma “potência adversa” – o outro, o adulto cuidador – poderá não a atender, ou mesmo se opor a ela. Nesse momento se estabelecerá efetivamente a distinção entre o eu e o mundo externo. Lemos: “Se até então o ser onipotente podia sentir-se uno com o universo que lhe obedecia e seguia seus sinais, uma discordância dolorosa vai produzir-se pouco a pouco no seio da sua vivência”. No entanto, nem mesmo essa objetivação do mundo “desfaz de chofre todos os vínculos entre o eu e o não-eu” (FERENCZI, 1993, p. 46). A criança recorrerá ao estabelecimento das “relações simbólicas”, que, à moda do período animista que caracterizou a evolução da espécie, percebe o mundo como reprodução da sua corporalidade. Dessa maneira, o mesmo gesto que estabelece a distinção eu/outro, se encarrega, por meio do pensamento animista, de criar dispositivos capazes de influenciar essas “potências superiores” das quais ela depende para a realização dos seus desejos.

Emergiria nesse momento o instrumento mais poderoso para influenciar o outro e transformar a realidade, a linguagem; “o simbolismo gestual é substituído [...] pelo simbolismo verbal”, escreve Ferenczi (1993, p. 48). E a criança tem acesso ao “período dos pensamentos e palavras mágicos”. Porém, na concepção ferencziana, a linguagem seria, na origem, “imitação” segundo a qual se reproduz sons e ruídos e se estabelece uma sequência de sons “em estrita relação associativa com as coisas e processos determinados” (FERENCZI, 1993, p. 48). *Um caso particular, portanto, das relações simbólicas provenientes da percepção da própria corporalidade da criança.*

De acordo com Jô Gondar (2017, p. 115), na concepção ferencziana de linguagem como mimesis “vai-se do sensível para o sentido, e não do significante para o sentido”. A linguagem adquire, assim, uma função evocativa com poder de apresentação do mundo, sinalizando o movimento expansivo da subjetividade para o encontro com os objetos significativos. “A palavra”, continua Gondar, “expressa mais do que significa, presentifica mais do que representa” (2017, p. 119).

Em dois ensaios nos quais trata especificamente do processo constitutivo das relações simbólicas, Ferenczi (1992f, 1992g) reitera sua concepção de uma origem corporal da criação dos símbolos. Inicialmente o psiquismo da criança se interessaria exclusivamente pelas sensações de satisfação e de gozo advindas das suas zonas erógenas, referentes às funções de absorção de alimentos ou de excreção. Justamente a partir dessas experiências sua atenção seria atraída para as coisas e processos do mundo que lhe remetem ao corpo erógeno. Lemos:

Assim se estabelecem essas relações profundas, persistentes a vida inteira, entre o corpo humano e o mundo dos objetos, a que chamamos relações simbólicas. Nesse estágio a criança só vê no mundo reproduções de sua corporalidade e, por outro lado, aprende a figurar por meio do seu corpo toda a diversidade do mundo externo. Assim se manifesta a “sexualização do universo”. (FERENCZI, 1992g, p. 107)

Um exemplo oferecido por Ferenczi (1992g, p. 107) é bastante ilustrativo da sua compreensão do poder evocativo da linguagem. Uma criança de um ano e meio, ao ver o Danúbio pela primeira vez, exclama: “Quanto cuspe!”. É evidente o júbilo expresso por essa enunciação, que evoca a potência criadora do sujeito pulsional, sendo esse o significado do sentimento de onipotência proposto por Ferenczi como a força motriz que conduz o sujeito do pensamento alucinatório ao gesto mágico, e deste ao emprego da palavra, não havendo rupturas traumáticas no processo de aquisição do sentido de realidade.

É interessante perceber que o embrião dessas formulações estava na pesquisa acerca da função do emprego das palavras obscenas que tem início na fase de latência. Para Ferenczi (1991a),³ o entusiasmo pelas palavras obscenas residiria no fato de que elas “são dotadas do poder de provocar no ouvinte o *retorno regressivo e alucinatório* [itálicos nossos] de imagens mnêmicas”; e, naquele que as enuncia, de resgatar a intimidade existente entre palavra e ato. Justamente por isso poder-se-ia concluir que as palavras obscenas “possuem características que, num estágio mais primitivo do desenvolvimento psíquico, se estendem a todas as palavras”. Ferenczi se refere, assim, a um “caráter tangível (sensorial) que somado à forte tendência regressiva, é próprio de todas as palavras” em certo estágio do desenvolvimento (1991a, p. 111-113).

Ferenczi aproxima, então, a dimensão alucinatória e mesmo regressiva das palavras obscenas, bem como a intimidade com a motricidade e com o ato que certas palavras têm o dom de evocar, da “língua materna” (1991a). Em outro lugar demonstramos de que maneira a língua materna remete, também na obra de Freud, a uma palavra encarnada e dotada da potência expressiva de si e de afetação do outro (KUPERMANN, 2003, capítulo 6). A novidade que Ferenczi nos apresenta, que contém o germe de suas maiores intuições, é a *transposição para a clínica* das formulações (e mesmo intuições) freudianas presentes em “Os chistes e sua relação com o inconsciente”; algo que, efetivamente, nem Freud nem qualquer outro psicanalista das gerações subseqüentes se dedicou a fazer.

Desse modo, a sugestão de Ferenczi (1991a) de que caberia ao psicanalista “autorizar” explicitamente ao analisando o emprego das palavras interditas surgidas no seu espírito já apresenta a marca característica que sua clínica assumiria: para que a associação livre – e seus desdobramentos na forma das repetições e atuações – pudesse efetivamente ocorrer seria preciso que o psicanalista contribuísse com a criação de um espaço de fala propício – esse o sentido do *laissez-faire*, da elasticidade da técnica e do princípio de relaxamento. A psicanálise seria, assim, um verdadeiro exercício para “soltar a língua” (FERENCZI, 1992d, p. 106), favorecendo a possibilidade do emprego da palavra mágica e evocativa, da linguagem *poética* capaz de criar o sentido de si e do mundo.

Assim, a concepção de “linguagem da ternura” como linguagem própria da criança que tende a confundir o universo dos adultos, apresentada no ensaio derradeiro publicado por Ferenczi (1992d), tem seu embrião no período dos pensamentos e das palavras mágicas do desenvolvimento do sentido da realidade, configurando uma palavra erotizada capaz de sexualizar o universo e criar para si o campo dos objetos merecedores dos seus investimentos libidinais. A linguagem da ternura é delicada e sacana, terna e ao mesmo tempo obscena, herdeira da perversão polimorfa que caracteriza os estágios pré-genitais do desenvolvimento da libido. Seu emprego implica o resgate da “exuberância” pulsional

³ Evidentemente inspirado no livro de Freud sobre o *Witz*, traduzido como “Os chistes e sua relação com o inconsciente”.

e da “brincadeira” por intermédio das quais a criança onipotente evoca objetos que possam servir aos propósitos dos seus desejos (FERENCZI, 1992f, p. 58).

Para Ferenczi, a clínica psicanalítica – espaço por excelência da nossa modernidade no qual o sujeito é convocado à palavra evocativa – seria regida pelo princípio da hospitalidade para com o *infans*, aquele que não sabe falar... fora da linguagem da ternura.

O filósofo Jacques Derrida se inspirou no julgamento de Sócrates para encontrar uma definição da “hospitalidade incondicional” para com o estrangeiro. Da sua exposição nos interessa, sobretudo, o modo como define a condição de estrangeiro, que se oferece como uma analogia reveladora dos desafios do trabalho proposto pela clínica psicanalítica.

Sócrates, diante do tribunal que iria julgá-lo, profere um discurso que revela o núcleo essencial da condição de “estrangeiro”. O ateniense justifica a inadequação das suas palavras dizendo aos juízes que se sente completamente estrangeiro à linguagem dos tribunais, que só sabe se expressar na linguagem que habitualmente utiliza na praça pública, onde ensina. Derrida (2003) infere, dessas palavras, a definição do estrangeiro como quem não fala a língua daqueles aos quais dirige seu pedido de abrigo. Justamente,

se ele já falasse a nossa língua, com tudo o que isso implica, se nós já compartilhássemos tudo o que se compartilha com uma língua, o estrangeiro continuaria sendo um estrangeiro e dir-se-ia, a propósito dele, em asilo e em hospitalidade? É este o paradoxo. (2003, p. 15)

A discussão estabelecida por Derrida acerca da hospitalidade e da condição do estrangeiro pode nos auxiliar a acompanhar Ferenczi em sua leitura de que certos analisandos que apresentavam intenso sofrimento, sintomas psicossomáticos e mesmo tendências suicidas teriam sido *hóspedes não bem-vindos na família*. A questão da hospitalidade seria, assim, expandida do contexto geopolítico – no qual poderia ficar restrita à situação (drástica, decerto) dos refugiados da globalização – para a própria condição humana. Isso porque cada um de nós experimenta, no momento da chegada ao mundo como *infans*, o desafio do paradoxo indicado por Derrida: sermos reconhecidos na comunidade humana mesmo antes de falar a língua que estamos destinados a adotar, que legitimaria nossa pertinência a determinada cultura. A leitura de “A criança mal acolhida e sua pulsão de morte” nos permite, assim, afirmar que *somos todos estrangeiros em busca de asilo e de hospitalidade*.

O princípio da hospitalidade se imporia, portanto, como o primeiro princípio da ética do cuidado em psicanálise. No espaço psicanalítico orientado pelo estilo empático o analisando poderia encontrar a oportunidade de criar com o analista, por meio do exercício da linguagem da ternura, as palavras capazes de evocar o sentido da sua singularidade.

Para isso, no entanto, é preciso que o psicanalista possa refrear qualquer tendência ao excesso interpretativo que pretenda falar *da* criança que habita cada analisando, incluindo os adultos. Seu desafio passa a ser o de falar *com* a criança, promovendo o espaço analítico como espaço de jogo compartilhado, produtor de sentidos.

É justamente pela necessidade de o psicanalista criar uma linguagem capaz de reverberar o gesto da criança presente em cada analisando que Winnicott (1975) pôde afirmar que um psicanalista que não pode brincar não está apto a exercer seu ofício.

Bibliografia

- DERRIDA, Jacques. Questão do estrangeiro: vinda do estrangeiro. In: DERRIDA, Jacques; DUFOURMANTELLE, Anne. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade*. São Paulo: Escuta, 2003.
- FERENCZI, Sándor. A adaptação da família à criança. In: FERENCZI, Sándor. *Psicanálise IV: obras completas*. São Paulo: Martins Fontes, 1992a.
- FERENCZI, Sándor. A criança mal acolhida e sua pulsão de morte. In: FERENCZI, Sándor. *Psicanálise IV: obras completas*. São Paulo: Martins Fontes, 1992b.
- FERENCZI, Sándor. Análise de crianças com adultos. In: FERENCZI, Sándor. *Psicanálise IV: obras completas*. São Paulo: Martins Fontes, 1992c.
- FERENCZI, Sándor. Confusão de língua entre os adultos e a criança. In: FERENCZI, Sándor. *Psicanálise IV: obras completas*. São Paulo: Martins Fontes, 1992d.
- FERENCZI, Sándor. O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios. In: FERENCZI, Sándor. *Psicanálise II: obras completas*. São Paulo: Martins Fontes, 1992e.
- FERENCZI, Sándor. O simbolismo dos olhos. In: FERENCZI, Sándor. *Psicanálise II: obras completas*. São Paulo: Martins Fontes, 1992f.
- FERENCZI, Sándor. O sonho do bebê sábio. In: FERENCZI, Sándor. *Psicanálise III: obras completas*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- FERENCZI, Sándor. Ontogênese dos símbolos. In: FERENCZI, Sándor. *Psicanálise II: obras completas*. São Paulo: Martins Fontes, 1992g.
- FERENCZI, Sándor. Palavras obscenas: contribuição para a psicologia do período de latência. In: FERENCZI, Sándor. *Psicanálise I: obras completas*. São Paulo: Martins Fontes, 1991a.
- FERENCZI, Sándor. Transferência e introjeção. In: FERENCZI, Sándor. *Psicanálise I: obras completas*. São Paulo: Martins Fontes, 1991b.
- FIGUEIREDO, Luís Cláudio. *As diversas faces do cuidar: novos ensaios de psicanálise contemporânea*. São Paulo: Escuta, 2009.
- FIGUEIREDO, Luís Cláudio. *Cuidado, saúde e cultura: trabalhos psíquicos e criatividade na situação analisante*. São Paulo: Escuta, 2014.
- FREUD, Sigmund. *Projeto de uma psicologia*. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1995.
- FREUD, Sigmund. A interpretação de sonhos (1) (1900). In: Freud Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: volume 4*. Rio de Janeiro: Imago, 1980a.
- FREUD, Sigmund. A interpretação de sonhos (2) (1900-1901). In: FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: volume 5*. Rio de Janeiro: Imago, 1980b.
- FREUD, Sigmund. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In: FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: volume 12*. Rio de Janeiro: Imago, 1980c.
- FULGENCIO, Leopoldo. *Por que Winnicott? São Paulo: Zagodoni, 2017*.
- GONDAR, Jô. As coisas nas palavras: Ferenczi e a linguagem. In: REIS, Eliana Schueler; GONDAR, Jô. *Com Ferenczi: clínica, subjetivação, política*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.
- KUPERMANN, Daniel. *Ousar rir: humor, criação e psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

KUPERMANN, Daniel. *Por que Ferenczi?* São Paulo: Zagodoni, 2019.

MAIA, Maria Schargel (org.). *Por uma ética do cuidado*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

ROCHA, Zeferino. A ontologia heideggeriana do cuidado e suas ressonâncias clínicas. *Síntese: Revista de Filosofia*, Belo Horizonte, v. 38, n. 120, p. 71-90, 2011.

ROCHA, Zeferino. Para uma clínica psicanalítica do cuidado. *Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, v. 45, n. 2, p. 453-471, 2013.

WINNICOTT, Donald Woods. *O brincar & a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, Donald Woods. Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: WINNICOTT, Donald Woods. *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 1951.

WINNICOTT, Donald Woods. Vivendo de modo criativo. In: WINNICOTT, Donald Woods. *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.